Homenagens a Alain Krivine (1941-2022)

13/03/2022



Nosso camarada Alain Krivine está morto, suas lutas continuam.

Nosso camarada Alain Krivine faleceu hoje (12/03/2022), aos 80 anos. Nós, camaradas do NPA, nos associamos à dor de sua família, de seus entes queridos e de todos aqueles que se reconheceram nas lutas que ele lutou.

Por mais de 65 anos, Alain tem sido um ativista incansável, presente em todas as lutas contra os males do sistema capitalista, contra injustiças, pela emancipação.

Militante excluído do PCF, fundador e dirigente do JCR, do LCR e depois do NPA, dirigente da Quarta Internacional, Alain nunca negou seus compromissos com a juventude. Ele tem sido, para gerações inteiras de ativistas, um modelo de constância, um vigor inesgotável, um camarada exemplar.

Vamos nos lembrar de sua abnegação, seu calor, seu humor. Até o final de sua vida, Alain não desistirá de nada e não cederá à pressão de “Isso passará por você com a idade”.

Nos próximos dias, nos comunicaremos sobre as homenagens que serão organizadas e retornaremos por mais tempo à vida e lutas de Alain.

Oi, velho, e obrigado por tudo. Continuamos a luta!

Novo Partido Anticapitalista

Montreuil, 12 de março de 2022

Aqueles que quiserem enviar condolências e tributos podem enviá-los para: alaink@npa2009.org

Sempre fiel às suas ideias

Francisco louçã

Alain Krivine foi um militante que marcou a história da esquerda francesa, desde a luta contra as guerras da Argélia e do Vietname, até ao Maio de 68 e às mudanças políticas que lhe seguiram. Sempre fiel às suas ideias, escreveu um livro de memórias (“Isso Passa-te com a Idade”) que recapitula o sentido da luta socialista de toda uma vida. Alain, camarada e amigo, esta despedida sabe que a memória fica e a fidelidade à luta popular é o que define uma política.

Uma razão apaixonada

Jaime Pastor, dirigente da Liga Comunista Revolucionária na Espanha

Neste último sábado, 12 de março, após uma longa doença, Alain Krivine morreu. Alain foi uma das principais referências de toda uma geração que entrou na luta política durante aquele "longo 68" que chocou não apenas a França, mas muitas partes do mundo. Militante anticapitalista desde 1956 e líder da Luga Comunista Revolucionária (LCR) desde a sua fundação em 1969, ele foi acima de tudo um exemplo de perseverança, "além de fracassos, decepções e oportunidades perdidas" – como escreveu em sua autobiografia – na luta pela construção de um projeto revolucionário e alternativo à social-democracia e ao stalinismo.

Aqueles de nós que o conheceram desde o final dos anos sessenta também se lembrarão dele e especialmente pela solidariedade que demonstrou com nossa luta contra a ditadura de Franco, sendo um dos promotores na França das mobilizações contra o processo de Burgos em 1970 e depois participando de diferentes eventos, como o realizado em Madri em 19 de outubro de 1976 na Faculdade de Filosofia da Universidade Complutense em favor da Anistia; participação que lhe custou ser preso e expulso pela ditadura, juntamente com Thierry Jouvet, acusado pelo Governo Civil de Madri. Havia vindo dar "uma palestra sobre as táticas revolucionárias de maio de 1968 em Paris e as novas estratégias para mobilizar as massas estudantis". Depois, houve mais ocasiões em que nos encontramos novamente em outras atividades, talvez a mais emocionante seja sua participação em um ato de homenagem em Madri a quem era um de seus grandes amigos e companheiros, Daniel Bensaïd, que morreu em janeiro de 2010.

Seu exemplo de vida permanecerá sempre em nossa memória e, com ele, aquela razão apaixonada que o caracterizou por reivindicar a antiga aspiração da Primeira Internacional de "mudar o mundo a partir da base".

Abaixo estão alguns trechos de seu livro autobiográfico Ça te passera avec l'âge (Flammarion, Paris, 2006), no qual aparecem algumas das características de sua carreira e as convicções revolucionárias que ele sempre manteve.

Hoje há mais razões para se rebelar do que em 1968

Alain Krivine (extraído de Ça te passera avec l'âge, Paris: Flammarion, 2006)

"Comecei a militar no movimento comunista em 1956. Era o ano da expedição militar franco-britânica ao Suez, o ano da insurreição dos trabalhadores em Budapeste, aquela em que os deputados do Partido Comunista Francês (PCF) votaram em dar todos os poderes ao socialista Guy Mollet, que se apressou em usá-los para intensificar a guerra na Argélia. Cerca de meio século depois, em 29 de maio de 2005, na Praça da Bastilha, vários milhares de militantes celebrariam a vitória contra o projeto muito liberal de Constituição Europeia. No palco, entre aqueles que animaram a campanha, Marie-Georges Buffet, secretária-geral do PCF, e ao lado dela… Olivier Besancenot, porta-voz do LCR.

Entre essas duas datas, várias décadas de luta diária ocorreram na tarefa de construir uma organização independente, comunista e visceralmente oposta ao stalinismo, autenticamente revolucionária e apaixonadamente democrática. Várias décadas acima de tudo para ajudar a tornar real, além das fileiras do LCR, outra esquerda, portadora de um projeto global de emancipação e uma alternativa aos antigos partidos da esquerda institucional.

Esses cinquenta anos de militância me levaram a prestar contas pelo meu caminho na esperança de dar minha modesta contribuição para uma tarefa mais atual do que nunca: ajudar na reconstrução de um movimento anticapitalista, após os fracassos do stalinismo e da social-democracia. Não pretendo escrever aqui a história da LCR, nem a da esquerda radical como um todo, muito menos a minha, mas pelo menos oferecer algumas notas sobre isso através de minhas experiências pessoais.

(…)

Fui uma testemunha privilegiada tanto das lutas quanto dos debates políticos que promoveram o surgimento de uma esquerda radical. Tive a sorte de conhecer muitas facetas da ação política, desde a militância de base até o Parlamento Europeu. Um fio vermelho percorre essa história necessariamente subjetiva: fidelidade, que acredito ser indispensável, às convicções revolucionárias. Lutar para mudar a sociedade é mais necessário do que nunca e, como costumo repetir, "hoje há mais razões para se rebelar do que em 1968". No final da década de 1960, foi isso que uma grande parte da minha geração escolheu.

(…)

A evolução para a direita da esquerda oficial mudou profundamente as condições em que devemos formular as respostas. Essas respostas não podem ser encontradas simplesmente no relato de lutas passadas e muitas vezes perdidas. Mas podemos tirar algumas lições deles para avançar na construção de outra sociedade. Compartilhar as experiências que vivi, tentando abrir algumas perspectivas, essa é a única ambição que reivindico.

(…)

Depois de meio século de luta política, se eu olhar alguns momentos através do espelho retrovisor, em vez de fracassos, decepções e oportunidades perdidas, é a necessidade de perspectivas revolucionárias, ainda mais urgentes hoje do que ontem, que se destacam fora de vista. Alguns verão nisso o ato de fé de um "comunista revolucionário" incorrigível, sempre perdido em seus sonhos e utopias. Sem dúvida. Eu não sou cínico, amargo nem cansado. A acusação, que ouço com frequência, de ser um 'sonhador' é um elogio para mim. Por que não reaprender a sonhar por uma sociedade mais justa na qual os critérios não são mais cotações da bolsa de valores, mas a satisfação das necessidades que a população decidiu democraticamente? Apenas conservadores não sonham. Para mudar o mundo, precisamos sonhar em lutar juntos. Todos juntos."

"É o nosso Lenin"

Tariq Ali

É muito triste ouvir agora que meu antigo camarada Alain Krivine morreu. Ele foi um militante revolucionário dedicado da Juventude Comunista Revolucionária (JCR), mais tarde da Liga Comunista e líder da Quarta Internacional por muitos anos. Durante os anos 60 e 70, compartilhamos muitas reuniões e conferências em diferentes partes do mundo. Mesmo depois que deixei a Quarta Internacional, mantemos contato. Ele veio me ver quando eu estava em Londres. A última vez que tivemos uma longa conversa foi em Caracas em 2003, em uma conferência para comemorar o primeiro aniversário da tentativa de golpe derrotado. Cerca de um ano atrás, durante o confinamento, descobri que estava doente. Escrevi para ele e lamentei que não poderia ir visitá-lo. "Ainda não vou morrer", escreveu ele. "Nos nos encontraremos em breve." Infelizmente, não fizemos isso e agora se foi. "Alain Krivine", como a música da JCR dizia: "É o nosso Lenin". A primeira vez que ouvi isso em Paris, Daniel Bensaid e eu rimos. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Daniel disse: "Não, Tariq, eu não sou Trotsky. Você pode ficar com sua piada."

A dupla Krivine-Bensaid que liderou a JCR e mais tarde a Liga durante seus primeiros anos foi uma das mais criativas da Quarta Internacional. A seção francesa da IV teve um impulso real e conseguiu arrastar dezenas de milhares de seguidores, além de sua militância.

Os dois irmãos de Alain, seu gêmeo Hubert (muito vital), físico e o irmão mais velho Jean-Michel (médico) também estavam na Liga, ambos muito talentosos. Eles vieram de uma família judaica que fugiu dos pogroms na fronteira polonesa da Ucrânia czarista. Todos os três eram internacionalistas; revolucionários em tempos que não eram e que cobravam um preço. Mas Alan perseverou até o fim. Sentiremos muita falta a ele.

Incorruptível, exemplo de rigor igualitário

Daniel Bensaïd (Extraído do livro Uma Lenta Impaciência)

Com seus óculos de estudiosos e sua “gravata” (objeto de zombaria libertária), ele tinha um visual romântico doutrinário. Não há que confiar nas aparências. Alain é acima de tudo um pragmático hiperativo, animado por uma vocação e uma autêntica paixão pela política. Ele se mostrou material, midiático e moralmente incorruptível. A campanha presidencial de 1969 foi apenas a segunda a ter cobertura televisiva. Não é certo que outro candidato tão jovem teria resistido tão bem aos elogios e seduções da personalização. Treinado na luta contra todas as formas de burocracia, Alain era uma espécie de irmão mais velho tranquilizador e um exemplo de rigor igualitário, sempre disposto a assumir sua parcela de trabalho, sempre disponível, mesmo no meio da noite, a socorrer um camarada preso em uma delegacia de polícia, sempre disposto a se contentar com o almoço mais frugal ou a se satisfazer com a hospitalidade militante mais desconfortável.

Este conjunto de qualidades tem, é claro, sua contrapartida de defeitos. Por rejeição visceral de qualquer privilégio e relação hierárquica, Alain sempre ficou rejeitou dirigir o trabalho dos outros. Longe das lógicas do poder, é um protótipo incomum de um líder que se recusa a liderar. Sem dúvida, esse defeito é melhor do que o oposto. Mas isso não nega que esse tipo de liderança sem liderança às vezes teve efeitos desorganizadores, dificultou o trabalho coletivo, favoreceu a negligência organizacional na qual muita energia e boa vontade foram gastas. Embora Alain tenha dado o tom, todos nós tivemos nossa parcela de responsabilidade nessas características constitutivas de nossa corrente.

Como Alain não poderia se beneficiar de uma permissão excepcional até depois de ter coletado as cem assinaturas de prefeitos exigidas naquela época pela lei eleitoral, tive que me encarregar da coletiva de imprensa anunciando sua entrada na corrida da campanha presidencial. Os jornalistas não ficaram chateados. Mas a audácia teve resultados. Rouge passou de quinzenal para semanal[1]. Tivemos várias horas de televisão e rádio, embora nem sempre soubéssemos o que fazer com eles. O apartamento na Rua René-Boulanger foi transformado em uma sede e um acampamento permanente. Passamos as noites em claro escrevendo discursos, folhetos, pôsteres. Um simpatizante nos disponibilizou um avião turístico para comícios provinciais. O de Marselha estava cheio de emoções. Um corajoso marinheiro, recém-recrutado, encarregado de nos buscar no aeroporto, animado com a importância de sua missão, passou a correr perigosamente. Depois de derrapar em duas curvas, capotamos. Nós saímos do veículo através do pára-brisa quebrado e rolamos aos pés de um outro motorista surpreso. Com sotaque do Port Vieux, ele exclamou: “Venha ver, Gilberte, é Monsieur Krivine!” O rosto de Alain aparecia diariamente nos pôsteres e telas de televisão. Sua aparência com arranhões entre escombros e pedaços de vidro era engraçada.

Ainda sob choque, subimos à tribuna cobertos de poeira e com restos de cascalho. Como no famoso “grande comício do Metropolitano”[2], um alvoroço foi montado na parte de trás da sala. Nosso serviço de ordem vigilante logo neutralizou os manifestantes que pretendiam “perturbar o comício” e os colocou à manu militari na calçada. O diretor de teatro Daniel Mesguich me disse muito mais tarde, sem qualquer ressentimento, que quando jovem conselheiro ele estava entre os manifestantes e que sofreu o apelo enérgico à ordem da nossa Guarda Vermelha.

A popularidade do candidato novato, reconhecido na rua, cercado por testemunhos de simpatia, começou a nos intoxicar com ilusões eleitorais. Começamos a sonhar com um resultado surpresa. Foi. Mas não na direção esperada. Atrás de Pompidou e Poher, que ficaram sozinhos na corrida para a segunda rodada, Jacques Duclos obteve cerca de 20%, o tandem Defferre-Mendès apenas 5%, Michel Rocard 3% e Alain 1%. Ele superou até mesmo um certo Ducatel. Um ano após a greve geral, a experiência nos instruiu sobre a lentidão glacial dos fenômenos eleitorais. O resultado não foi desonroso. Ele nos confirmou, no entanto, na ideia de que as eleições eram a “armadilha de tolos” que denunciamos no ano anterior nas eleições legislativas, e que a revolução não passava pela “farsa eleitoral”.

[1] Jean-Pierre Beauvais, agora diretor de publicação da Politis, de fato desempenhou um papel semelhante em Rouge e garantiu negociações com nossa pequena gráfica na Fauburg-Montmartre Street, especializada em imprensa equestre.

[2] Refere-se a uma canção satírica francesa popular do século XIX, que fala sobre um trabalhador que recebeu o pagamento e, em vez de levá-lo para casa, o gasta na taberna e, para evitar as censuras de sua esposa, ele vai a um comício socialista no Metropolitano. Um provocador monta uma briga e, como resultado disso, a polícia prende o protagonista da música, que apesar disso está muito satisfeito com o comício.

https://vientosur.info/in-memoriam-alain-krivine-1941-2022/

Os nossos

Valerio Arcary, militante trotskista

Alain Krivine, um dos principais tribunos da juventude nos dias do Maio 68 francês, faleceu. Krivine esteve na primeira linha da noite das barricadas no Quartier Latin (Bairro Latino), e foi um dos inspiradores da marcha de milhares até à fábrica da Renault/Billancourt, impulsionando a unidade operário-estudantil que foi gatilho da greve geral contra De Gaulle.

O NPA, a Quarta Internacional e o movimento trotskista internacional estão de luto. Aos oitenta anos, Krivine era um dos mais destacados veteranos da geração que assumiu a luta em defesa da tradição internacionalista, nos últimos sessenta anos. Militante incansável e responsável, orador intenso e brilhante, polemista mordaz e elegante, Krivine permaneceu uma vida inteira leal ao programa da revolução permanente.

Alain Krivine veio de uma família judia da Ucrânia que emigrou para a França no final do século XIX, durante os pogroms: a violência de perseguição antissemita que era crônica sob o jugo do Império Czarista. Durante a ocupação alemã, foi escondido pelos pais em Danizy, no Aisne, interior da França. Eleito para a direção da UEC, em 1958, integrou as redes de apoio à Frente de Libertação Nacional (FLN) durante a Guerra da Argélia. Krivine se uniu a Quarta Internacional e foi expulso do Partido Comunista Francês em janeiro de 1966.

Em abril de 1966, ao lado de Daniel Bensaïd, foi um dos fundadores da Juventude Comunista Revolucionária (JCR), impulsionando os Comitês contra a Guerra do Vietnã. A JCR foi uma das mais dinâmicas organizações durante as semanas iniciadas em maio de 1968 que culminaram em uma imensa greve geral. A JCR foi ilegalizada em junho de 1968, e Alain Krivine foi preso em 10 de julho, e libertado no outono.

Apresentou sua candidatura presidencial em 1969 pela Liga Comunista obtendo 1,1% dos votos, e uma segunda vez em 1974, mas conquistando uma audiência muito maior. Foi eleito deputado ao Parlamento Europeu em 1999, através de uma lista comum LCR/Lutte Ouvriére que superou os 5% e elegeu cinco deputados. O jovem carteiro ativista sindical Olivier Besancenot trabalhou ao seu lado na construção do mandato, e foi Krivine um dos que apoiou a sua indicação como candidato às presidenciais em 2002, quando a LCR conquistou 4,25% dos sufrágios.

Publicou em 2006 uma autobiografia: *Isso vai te passar com a idade* (*Ça te passera avec l'âge)*, pela editora Flammarion, uma apaixonante narrativa das circunstâncias, peripécias e aventuras de uma vida honesta e comprometida. Até o fim de sua vida Krivine permaneceu ativo no NPA, ocupando um modesto escritório na sede da gráfica do NPA em Montreuil, nos arredores de Paris.

Estivemos juntos, há quatro anos, em uma reunião internacional de alguns dias. Ele mantinha a mesma altivez de sempre. Krivine era um dos primeiros a chegar na hora de abertura da sessão, mantinha máxima concentração tomando notas e, quando chegou a hora de fazer sua intervenção, um imponente silêncio das duas centenas de lideranças presentes, vindos dos cinco continentes, confirmou o respeito conquistado por uma militância exemplar.

https://esquerdaonline.com.br/2022/03/12/os-nossos-alain-krivine-1941-2022-npa-trotkismo-franca/

Compartilhe nas redes: